

Comentário VI

Marlene Suano

Departamento de História, Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo

O texto de Ulpiano T. Bezerra de Meneses merece considerações bem mais aprofundadas do que aquelas que, pela falta de domínio sobre todo o arsenal bibliográfico discutido e pela premência do tempo, podem ser tecidas aqui. Por saber, contudo, que as idéias de impacto quando da leitura de um texto podem ser tão importantes quanto as considerações posteriores, é que introduzo por ora algumas propostas de discussão.

A questão do acervo do museu, contida nas *Premissas* do texto, nos remetem ao problema crucial do "museu sem acervo" e ao desserviço que tal conceito vem prestando no meio museológico, notadamente naquele da chamada "Nova Museologia". Por mais que me desagrade a imagem empregada da "mula sem cabeça", sou forçada a concordar que ela é a que mais se aproxima do "museu sem acervo", negação explícita do que é e pode ser o museu. Acredito que o mal-entendido passe pela incompreensão do que seja *coleção* e do que seja *acervo*. De fato, se o museu pode - não que deva - passar sem coleções, ele não pode operar sem um acervo sobre o qual concentra seus objetivos. Este acervo - evidências materiais de algum tipo - não precisa necessariamente formalizar-se *intra muros*. Evidências espalhadas em toda uma cidade, um território, uma região geográfica, podem compor seu acervo operacional. A confusão, entre nós, passa também pelo entusiasmado manuseio do termo "ecomuseu", que, por poder operar com uma sede que organiza o uso e fruição de um acervo *extra muros*, ajudou a fomentar indevidamente a idéia de inexistência de acervo.

Vejo, por outro lado, uma aproximação de conceitos mal resolvidos entre o ecomuseu dos anos 70 e o "living museum" dos anos 80, que eu gostaria de ver aprofundada pelo autor. Nos inícios dos anos 70 - exatamente 1972 - quando se projetava o primeiro ecomuseu da Inglaterra, o English China Clay Museum, na Cornualha, testemunhei a reação de uma senhora de seus setenta anos, quando posta a par do projeto e indagada se permitiria que sua casa, do século XVIII, fosse incluída no roteiro de visitação, respondeu, peremptória: "*I will not be a part of a diorama! I am a living person and not a live object!*"

Esta frase, "sou um ser vivente e não um objeto com vida", pode ser melhor entendida após a leitura do texto, nos anos 90, do que quando foi pronunciada. Pois, de fato, "ver" o que tem vida (ecomuseu?) e "dar vida" ao que "vemos" ("living museum"?) são proposi es da contextualiza o museológica do objeto que deveriam discutir a produ o e veicula o das maneiras de "ver" um contexto anterior ao nosso, o que quase nunca ocorre no mundo dos museus.

Em segundo lugar,   particularmente instigante a rela o que o texto propõe entre objeto histórico e documento histórico e a proposi o de uma problemática como matriz definidora do horizonte de documenta o potencial desejável. Os museus históricos brasileiros, contudo, montaram-se fora de tal perspectiva. Mesmo assim, poderiam beneficiar-se dela se nós nos propusermos a uma sua releitura crítica.   importante lembrarmos que, não tendo tido, via de regra, uma política própria de forma o de acervo, nossos museus foram uma página em branco para que certas camadas de nossa sociedade ali escrevessem o que pensavam de si próprias. Recheados com doa es particulares, nossos museus são verdadeiros registros da imagem que os descendentes da aristocracia e da burguesia do século XIX faziam delas e de si mesmos, imagem essa que queriam perpetuada nos museus. Um exemplo pontual, claro e interessante   o da porcelana brasonada. Na maioria das vezes o museu exibe um único exmplar do serviço, apenas para marcar a presença do brasão de cada família, num composto   primeira vista amorfo e sem significado. Apenas   primeira vista, contudo. A sala de porcelanas do Museu Paulista da USP (que ainda não foi reformulada)   um magnífico exemplo para nortear a discussão. Ali repousam mais de cem peças de porcelana, tanto de importantes ceramistas europeus do século XIX, como de ateliês an nimos, sem nenhum critério classificatório perceptível. Saltam aos olhos, apenas, os brasões e as famílias que os ostentavam, cujos herdeiros, na maioria dos casos, doaram tais peças ao museu. Seus titulares, representados em telas a óleo, das paredes desta sala nos olham, circunspectos e severos, como se contemplando, soturnos, a contempla o de que são ainda objeto seus antigos símbolos de contempla o. Assim, do mesmo modo que as cole es principescas do Renascimento, toda e qualquer cole o, em todo e qualquer museu, em qualquer período da história do homem,   passível de leitura igualmente rica. A sala das porcelanas do Museu Paulista será, ao que consta, brevemente alterada. Mas o Museu deveria, antes, document -la tal qual ela   hoje. Pois a sociedade se insere e se reflete no museu, o museu documenta a sociedade e,

auto-documentando-se, registra as imagens e leituras que a sociedade produziu de si mesma. Essa possibilidade de funcionar como um espelho de muitas faces concomitantes é que garante ao museu um papel de relevo na sociedade do futuro, apesar dos altos e baixos de interesses que sofre por parte de seus mantenedores e de seu público.

Assim sendo, por concordar integralmente com o autor quanto a ensinar História ser ensinar a fazer História, é que julgo merecedor de ênfase o direcionamento para que o museu histórico exponha sua própria trajetória. Não seria, assim, privilégio de tão poucos a compreensão do que é o Louvre, do que sejam o Museu Nacional do Rio de Janeiro ou a mencionada sala de porcelanas do Museu Paulista.

Finalizando, devo mencionar que, mesmo apreciando enormemente o texto, causou-me certa perplexidade a oposição substitutiva entre museu como teatro e museu como laboratório. Isso porque o "ver" que permeia o teatro não abandona o universo do museu, algo que o texto não escamoteia. O "ver" continua presente, com todo seu peso, e tanto teatro quanto laboratório fazem da "experiência" sua mola principal. Além disso, o teatro sempre funcionou como um laboratório da sociedade, local privilegiado para apresentá-la, analisá-la, discuti-la. Nos anos 70, aliás, ficou bem clara a noção de teatro como "oficina" e o termo *laboratório* passou, desde então, a designar as atividades preparatórias do trabalho da peça, substituindo o anterior "ensaio".

Penso, assim, que, ao propor "laboratório" no lugar de "teatro", o autor esteja propondo enterrar aquele trabalho feito por poucos para a contemplação de muitos, o museu com um texto pronto e fechado para a "leitura dirigida", de um público "paciente" e nunca agente. Em seu lugar, o museu como local de ação contínua de estudo, documentação, representação, releituras, refacções e, sobretudo, auto-documentação de todo esse rico processo.

Como concretizar tal proposta em uma sociedade de massas, contudo, mereceria um ulterior texto do autor.